

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia • Teologia • Prática

Volume 14
Número 2
Dezembro 2025

O “APELO” DA PREGAÇÃO DE JESUS E SEU CHAMADO PÚBLICO À CONVERSÃO: UM ESTUDO CONCISO SOBRE CONTEÚDO E PRÁTICA¹

The “Appeal” of Jesus’ Preaching and His Public Call to Conversion: A Concise Study on Content and Practice

Me. Luciano dos Santos Melo²

RESUMO

A vida ministerial de Jesus, sua capacidade de atrair multidões, seus milagres, seu ensino único e que confrontava à natureza humana, carnal e mundana, já é bastante estudada e discutida atualmente. Entretanto, sua pregação, seu apelo, seu chamado público à conversão direcionado às pessoas, com seu conteúdo, forma e didática, ainda carecem de mais compreensão. O objetivo deste estudo é justamente esse, isto é, trazer mais compreensão sobre esses aspectos tão importantes da vida de Jesus. O estudo visa esclarecer questões como: qual o conteúdo da pregação de Jesus? O que Jesus queria nos ensinar, na prática? Qual é o apelo de Jesus às pessoas? Para discorrer sobre essas questões, este estudo utilizou como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa com seleção intencional da bibliografia a partir da sua relevância para o tema investigado. Nesse sentido, verificou-se que a pregação de Jesus não seguia uma fórmula padronizada, com conteúdo e forma fixos de chamar as pessoas à conversão. Mas a ênfase de Jesus era que se praticasse o seu ensino, e não apenas o ouvisse e o aprovasse. Seu ensino, por sua vez, se baseava em compaixão com o próximo, em fazer bem mesmo sendo maltratado, em amar mesmo sendo odiado, e em bendizer mesmo sofrendo com a maledicência. Com certeza, um desafio para a nossa natureza humana, mas um alvo possível para os que creem. Era e é, assim, um chamado à transformação de vida integral,

¹ Este artigo é fruto de um dos capítulos desenvolvidos no TFC do Mestrado Profissional em Teologia da Fabapar – Faculdades Batista do Paraná.

² Luciano dos Santos Melo é Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, possui Pós-Graduação Lato Sensu em Filosofia e Sociologia, e Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes - UCAM e é Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. E-mail: stsmelo@hotmail.com

no pensar, no falar, no agir e no viver.

Palavras-chave: Pregação. Jesus. Apelo. Chamado à conversão.

ABSTRACT

The ministerial life of Jesus, His ability to attract crowds, His miracles, and His unique teaching, which confronted human, carnal, and worldly nature, have already been widely studied and discussed today. However, His preaching, His appeal, and His public call to conversion directed at people, including its content, form, and didactic approach, still require deeper understanding. The purpose of this study is precisely that, namely, to bring greater insight into these important aspects of Jesus' life. The study aims to clarify questions such as: What was the content of Jesus' preaching? What did Jesus want to teach us in practice? What is the appeal of Jesus to people? To address these questions, this study used a qualitative research approach, with purposive selection of the bibliography based on the relevance of the works to the topic investigated. In this context, it was observed that Jesus' preaching did not follow a standardized formula with fixed content and a uniform method of calling people to conversion. Rather, Jesus emphasized that His teaching should be practiced, and not merely heard and approved. His teaching, in turn, was based on compassion for others, on doing good even when mistreated, on loving even when hated, and on blessing even while suffering from slander. Certainly, this is a challenge to our human nature, but a possible goal for those who believe. It was and still is a call to a comprehensive transformation of life, in thinking, in speaking, in acting, and in living.

Keywords: Preaching. Jesus. Appeal. Call to conversion.

INTRODUÇÃO

Nas palavras de Henry, Jesus “foi o Príncipe dos pregadores, o grande Profeta da sua igreja, que veio a este mundo para ser a Luz do mundo”.³ Acresentando, ele diz que os profetas e João trabalharam vigorosamente na pregação, porém, Cristo os superou.⁴ Dessa forma, quando se fala em pregação, em ensino bíblico, em proclamação da mensagem do evangelho, faz-se conveniente e necessária uma verificação mais apurada da mensagem de Jesus, sua proclamação, seus ensinamentos e vida ministerial.

Segundo a Bíblia, Jesus é a encarnação do próprio Deus: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1). E mais: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14). Por isso mesmo, sua vida, ministério e trajetória devem servir de modelo, pois, como diz Schweitzer, Ele “[...] é o maior exemplo da antítese entre verdade espiritual e natural [...]”⁵.

Contudo, é importante mencionar que antes de Jesus apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia (Mt 3.1). Em João Batista já se percebe um chamado público à conversão, ao arrependimento, isso ilustrado no batismo nas águas (Mc 1.4). Seu apelo era “arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mt 3.2). Ele exortava o povo a dar “frutos que mostrem o arrependimento”. Também definiu o que isso significaria para pessoas diferentes, ensinando os publicanos a não cobrarem além do que lhes foi estipulado, e os soldados a não praticarem extorsão, nem acusar ninguém falsamente e a se contentar com

³ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Novo Testamento:** Mateus a João. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 41.

⁴ HENRY, 2008, p. 41.

⁵ SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico:** um estudo crítico de seu progresso. Tradução de Wolfgang Fischer, Sérgio Paulo de Oliveira e Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 8.

seus salários (Lc 3.8-14).⁶ Sem dúvida, isso é um chamado à conversão, à mudança de vida em direção aos parâmetros de Deus e do Evangelho.

Como sugerem Pfeiffer, Vos e Rea, a conversão “denota a mudança de coração ou de pensamento (relacionado ao arrependimento e a fé) que permite que alguém receba a graça de Deus na salvação”.⁷ A resposta de João Batista aos diferentes ouvintes (Lc 3.10-14) que creram na mensagem, de acordo com Bock, comprehende que “voltar-se para Deus significa mudar a forma que uma pessoa se relaciona com as outras”.⁸ Por isso, vale ressaltar que uma decisão por essa vida convertida não cabe numa exigência de qualquer tipo de atitude imediata simbólica, visível ou exterior, como uma espécie de prova ou certificação última e isolada.

Por ter Jesus se engajado e atendido esse mesmo apelo no sentido de se batizar, tal experiência deve ter sido para Ele uma espécie de abertura, um acontecimento iniciador.⁹ A submissão de Jesus ao batismo, significa a sua identificação com a aproximação do tempo especial sobre o qual João prega.¹⁰ Jesus prossegue com a mensagem focada no Reino de Deus, assim como João Batista. Para a entrada nesse Reino é requerida uma mudança de vida, pensamentos e atitudes, ou seja, o arrependimento. Esse é o chamado de Jesus que espiritualizou a mensagem de João. Provavelmente, João esperava que Jesus estabelecesse um Reino terreno, de maneira política. Mas o que Cristo fez foi trazer a público um chamado de conotação espiritual, talvez relegando a segundo plano um reino terreno. O espírito da proclamação de Jesus é de que se o povo se arrepencesse de seus pecados, como propôs João Batista (Lc 3.10-14), o Messias viria imediatamente.¹¹

Pode-se acrescentar aqui, o que escreve Asett sobre conversão, quando diz que essa “não se refere a um ‘eu’ totalmente isolado da sua tradição cultural ou de seu contexto social”.¹² Jesus vai dizer que não se acende uma candeia e a coloca debaixo da cama, mas a coloca no velador, para os que entrando vejam a luz (Lc 8.16). Segundo Ele, a mensagem de conversão é focada no arrependimento do ser humano de forma integral, como pode-se verificar no evangelho de Mateus que escreve: “Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mt 4.17).

1. O “APELO” DE JESUS: DO CONTEÚDO À PRÁTICA

Conforme Packer, Lutero, na primeira de suas noventa e cinco teses, afirma que Jesus ao fazer esse chamado público (Mt 4.17) estava na verdade fazendo um apelo para que a vida inteira das pessoas “se tornasse uma vida de arrependimento”.¹³ A partir desse chamado ao arrependimento é que a pregação de Jesus se torna mais pública e constante. Ele então segue proclamando a mesma mensagem do seu predecessor João Batista.¹⁴ O arrependimento quando verdadeiro produz uma ação prática de bons frutos. Quando João pregava ao povo eles quiseram saber o que deveriam fazer. Segundo Lucas 3.10-14, João responde dizendo que eles deveriam produzir frutos dignos de arrependimento, o que deveria incluir generosidade, bondade, equidade e contentamento, entre outros.¹⁵

⁶ STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003, p. 166.

⁷ PFEIFFER, Charles F; VOS, Howard F; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Junior. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 449.

⁸ BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd, 2006, p. 75.

⁹ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus**: a história de um vivente. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008, p. 109.

¹⁰ BOCK, 2006, p. 80.

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado** – Versículo por versículo. São Paulo: Candeia, [s.d.], v. 1, p. 296.

¹² ASETT (Org.) **Pelos muitos caminhos de Deus**: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003, p. 61.

¹³ PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? Tradução de Gabriele Geggelsen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 65.

¹⁴ HENRY, 2008, p. 37.

¹⁵ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: Lucas. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, v. 1, p. 282.

Ao que parece, Jesus iniciou esse chamado público a conversão (Mc 1.14-15) nas ruas. Eram ensinamentos dirigidos ao público que o ouvia em seu caminho ou reunido em algum local, como no conhecido “sermão do monte”. O apelo era para uma mudança de vida prática. Segundo Ehrman, Jesus “era amplamente conhecido como um pregador itinerante [...]”¹⁶ Em sua pregação e ensino, os ouvintes precisavam desenvolver uma reflexão e compreensão, o que levava a uma aprendizagem impactante.¹⁷

Com suas mensagens, parábolas e sermões, Jesus tinha o objetivo de alcançar os corações e transformar as pessoas em servas de Deus.¹⁸ Isso nem sempre era uma tarefa que se concretizava com apenas um encontro com o mestre. Entre os próprios doze apóstolos escolhidos, por exemplo, verifica-se que a genuína conversão não ocorria imediatamente (Lc 22.32). Nem a essência do seu ensino era completamente entendida, como percebe-se em Tiago e João, que sugerem a Jesus uma atitude totalmente incoerente com o seu Espírito (Lc 9.51-56). Sua ênfase era a mudança de mentalidade, uma transformação interior a partir do confronto com a verdade. Não tinha nada a ver com aceitar uma doutrinação religiosa engessada.¹⁹

O apelo utilizado por Jesus aos pecadores, em Mateus 11.25-30, por exemplo, apresenta um grande contraste com relação a mensagem evangelística comumente propagada hoje em dia. Trata-se na verdade de um apelo à salvação, e o interessante é que Jesus iniciou esse apelo com uma oração na qual reconhece a soberania de seu Pai:²⁰

²⁵Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, ó Pai, porque assim te aprovou. ²⁷Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. ²⁸Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. ²⁹Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. ³⁰Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.25-30).

Os fariseus, “sábios e instruídos”, tinham colocado tantas regras e regulamentos sobre o povo que a religião se tornou um “trabalho”. A vida de devoção à lei tinha se tornado como um fardo para se carregar (Mt 23.1-4). Nesse sentido, Jesus chama os “pequeninos”, ou seja, os verdadeiros discípulos para ver a verdade, ir a Ele, aprender dele (v. 29) e encontrar alívio desse trabalho.²¹ Price destaca que Jesus “não comprometeu sua Causa com apelos em reuniões populares, com práticas ritualistas, ou com manobras políticas, não. Ele confiou sua Causa aos prolongados e pacientes processos de ensino e de treinamento”.²²

Foi de fato um método educativo o que Jesus mais utilizou em sua passagem terrena como Rabi, ou seja, mestre. Apesar de diversas vezes Jesus ter agido como curador de enfermidades, operador de milagres, pregador de sermões, etc., percebe-se que o ensino foi a sua principal ocupação, ou seja, Jesus concedeu uma ênfase especial à arte de ensinar.²³ Conforme Junior,²⁴ na conhecida “parábola do bom samaritano”, em Lucas 10.25-37, por exemplo, em que Jesus viaja rumo a Jerusalém com os seus discípulos, a caminhada torna-se orientadora para o discipulado. O mesmo autor acrescenta que essa perícope apresenta “um instrumento pedagógico para formar discípulos”.

Olhando para os quatro evangelhos que foram escritos e aceitos como inspirados, pode-se perceber

¹⁶ EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por que?** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006, p. 198.

¹⁷ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus:** ensinar e aprender. Curitiba: ADSantos, 2016, p. 14.

¹⁸ DOMINGUES, 2016, p. 38.

¹⁹ DOMINGUES, 2016, p. 40.

²⁰ MACARTHUR, John. **O Evangelho segundo Jesus.** 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2008, p. 145.

²¹ TOMÉ, Natan (Ed.). **Comentário do Novo Testamento:** aplicação pessoal. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v.1, p. 78-79.

²² PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus:** o mestre por excelência. 9.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 14.

²³ PRICE, 1995, p. 14.

²⁴ BRAGA JUNIOR, Adiel Fernandes. Pedagogia do outro: um instrumento de Jesus para despertar o seu discipulado. **Reveleteo:** Revista Eletrônica Espaço Teológico, [S.l.], v.11, n.19, p. 05-15, jan/jun, 2017, p. 6.

que sua vida e ministério, apesar de não muito prolongados, foram extremamente impactantes, pois inúmeras multidões o seguiam por diversos lugares (Mt 7.28-29). Ele viveu no meio dessas multidões, sendo assediado, estando sempre ocupado, vivendo sob pressão e ainda foi molestado.²⁵ Diante disso, percebe-se que sua mensagem e ensino era de alguma maneira intrigante, interessante para aquelas pessoas. Isso fica claro no texto do evangelho de Mateus 7.28-29, em que diz: “E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas”.

Esse texto é parte do conhecido “sermão do monte”, que abrange os capítulos 5 a 7 de Mateus. É um sermão prático em que Jesus está ensinando o que deve ser feito, sendo isso parte do conteúdo inicial de sua pregação.²⁶ Segundo Carson, “a palavra *didaquê* (‘ensino’, Mt 7.29) pode se referir ao conteúdo e ao modo; e, sem dúvida, as multidões ficaram atônitas com os dois”.²⁷ Também sobre esse trecho do evangelho de Mateus, A. T. Robertson argumenta:

As pessoas estavam habituadas aos sermões dos rabinos nas sinagogas. Há exemplos desses discursos registrados na Mishná e na Gemará, o Talmude judaico. Essas obras apresentam uma coleção surpreendente de comentários curtos, enfadonhos e deslocados, que tratam de todo tipo de problema concebível na história. Os escribas citavam os rabinos na presença deles e tinham medo de expressar uma ideia sem tê-la apoiado devidamente em algum antecessor. Jesus falava com a autoridade da verdade, a realidade e o frescor da luz matutina e o poder do Espírito de Deus.²⁸

Macleod segue nessa mesma linha e afirma que nesse mesmo “Sermão do Monte”, Jesus abstém-se de apelar a qualquer autoridade mais alta dizendo simplesmente “Eu vos digo” (Mt 5.22).²⁹ Outra questão, é que o sermão parece ter sido dirigido não apenas aos discípulos mais íntimos, mas a todos os que seguiam a Jesus, como sugere Mateus 7.28.³⁰ É importante esclarecer ainda que o trecho de Mateus 5-7 corresponde ao trecho de Lucas 6.20-49, ou seja, trata-se do mesmo sermão. Algumas supostas discrepâncias como, por exemplo, o fato de Mateus 5.1-2 registrar que o local foi um monte e Lucas 6.17 um lugar plano, desaparece quando se reconhece que o lugar plano pode ter sido parte do monte.³¹

Apesar disso, admite-se que os dois relatos não são idênticos, tanto em tamanho quanto em conteúdo. Isso demonstra que os autores não eram simples copistas; além disso, cada um escreveu de acordo com seus propósitos específicos, seus antecedentes, dons e caráter.³² “Mateus e Lucas nos transmitiram, com variações consideráveis, tudo quanto se refere ao pano de fundo e à forma deste sublime sermão”.³³

Ao longo de todo o sermão Jesus pregou e ensinou. O *kerigma*³⁴ é a proclamação e o *didache*³⁵ é o ensino. Nesse caso, a proclamação é explícita ou implícita, pressupondo o ensino a proclamação do evento.³⁶ Primeiramente vem as bem-aventuranças, em seguida várias orientações de conduta que geralmente são expressas nos mesmos termos, e, por fim, uma grave advertência por meio de analogias entre a vida

²⁵ MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. Tradução de Valdeci da Silva Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 193.

²⁶ HENRY, 2008, p. 41.

²⁷ CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010, p. 237.

²⁸ ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos**: à luz do Novo Testamento Grego. Traduzido por Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 94.

²⁹ MACLEOD, 2007, p. 103.

³⁰ ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman**: artigos gerais Mateus – Marcos. 3.ed. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, v. 8, p. 136.

³¹ HENDRIKSEN, 2003, p. 451-452.

³² HENDRIKSEN, 2003, p. 452.

³³ FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo de Souza. 2.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008, p. 516.

³⁴ Kerygma é uma palavra grega que se refere à pregação conforme HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 997.

³⁵ Didache é uma palavra grega com o sentido de instrução ou de doutrina transmitida pelo ensino conforme COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 643.

³⁶ ALLEN, 1986, p. 136.

espiritual e a vida material.³⁷

Essa advertência merece ser transcrita conforme o evangelho de Mateus, que a apresenta de forma mais rica, pois é o momento de um chamado para decisão e compromisso:

¹³Entraí pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; ¹⁴E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem. ¹⁵Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores [...]. ²⁴Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. ²⁵E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. ²⁶E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. ²⁷E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda (Mt 7.13-15, 24-27).

Conforme Carson, “o sermão do monte termina com quatro advertências, cada uma oferecendo um par de contraste; dois caminhos (vv. 13,14); duas árvores (vv. 15-20); duas afirmações (vv. 21-23); e dois construtores (vv. 24-27)”.³⁸ Jesus finaliza com um chamado à conversão usando a comparação dos dois construtores. Há uma exortação a que se pratique o que foi pregado e ensinado durante o sermão (v.24). As palavras “*akouei mou tous Logous toutous*”, “ouve estas minhas palavras”, podem ser traduzidas por “ouve-me em relação a esses ditos”.³⁹

Houve uma exposição clara da mensagem do evangelho e como deve ser a conduta de um discípulo. Toda a pregação e ensino era um chamado público à conversão. Ele pronunciava o seu discurso como um juiz pronunciava uma sentença, suas lições eram leis e sua palavra como uma palavra de comando. Jesus mostra que somente ouvir as suas palavras ou tomar qualquer outra atitude que não seja a de praticá-las, não leva a lugar nenhum.⁴⁰

2. A DIDÁTICA DO ENSINO COMO INSTRUMENTO DE CHAMADO À CONVERSÃO

Não há nenhum registro nas Escrituras de que Jesus se utilizava de qualquer prática similar ao apelo moderno ou sistema de convite como conhecemos hoje. Não que a prática de algum desses métodos seja completamente errada. Entretanto, Ele sequer exigiu de seus seguidores e ouvintes algum movimento físico como uma resposta espiritual a um comando supostamente espiritual, ou seja, uma decisão imediata e pública que indique aceitá-lo como Senhor e Salvador. O que ocorria era a exortação sendo feita dentro dos limites da mensagem pregada (Mt 11.28-30; Jo 6.28-29,37; At 2.36-41; 17.30-34).⁴¹

Jesus teve uma individualidade marcante no que diz respeito a sua forma de ensinar e proclamar sua mensagem. Apesar de se utilizar muitas vezes de métodos já conhecidos como as histórias ou parábolas, ele desenvolveu-as e adequou-as de maneira singular. Não foi algo que lhe foi concedido desde que nasceu. Nesse sentido, MacLeod escreve:

Ele teve uma individualidade marcada que o distinguiu nitidamente, por exemplo, da de Pedro e João, Judas e Caifás. Era sua. Além do mais, essa individualidade não foi meramente dada, uma vez por todas, no mistério de sua concepção. Ela foi desenvolvida como resultado de sua experiência. Ele desenvolveu seu próprio vocabulário distintivo e métodos de ensino.⁴²

³⁷ FILLION, 2008, p. 517.

³⁸ CARSON, 2010, p. 229.

³⁹ CARSON, 2010, p. 236.

⁴⁰ HENRY, 2008, p. 88, 90.

⁴¹ DOWNING, William R. **Porque não usamos o sistema de apelos.** Tradução de William Teixeira. [S.I.]: OEstandarteDeCristo.com, 2015, p. 12. Disponível em: <https://oestandartedecristo.com/data/PorQueNaoUsamosSistemasdeApeloWilliamR.Downing.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

⁴² MACLEOD, 2007, p. 73.

É de fato isso que se percebe ao ler os evangelhos, pois ele não apresentou nada que se possa declarar como padrão, norma ou fórmula a ser seguida quando se tratava de proclamar sua mensagem. Era um chamado ao coração humano para uma real e definitiva mudança interior. Apesar de toda essa singularidade de Jesus, o seu ministério não é diferente, em princípio, do ministério de seu predecessor João Batista. Nesse aspecto, o que vai realmente distinguir o trabalho de Jesus do de João Batista é a consciência que ele tinha de ser o Filho do Homem, isto é, o Messias.⁴³ Ainda sobre a pregação de Jesus, Schweitzer escreve:

O que pertence às pregações de Jesus pode ser claramente reconhecido. Está contido em duas frases de significado idêntico, “Arrependei-vos e acreditei no Evangelho”, ou, como está em outra parte, “Arrependei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo”.⁴⁴

Havia um contraste significante entre os sermões e tradições dos judeus daquela época e as ministrações e ensinamentos de Jesus. Seus ensinos destruíram as convicções religiosas daquela época. Se um judeu do primeiro século pecasse, por exemplo, ele teria que se dirigir ao templo para receber perdão. Enquanto isso, Jesus estava concedendo o perdão de Deus as prostitutas sem nenhum rito, bem no meio da rua. O Deus de Israel habitava no templo, porém, Jesus estava oferecendo esse mesmo Deus onde quer que as pessoas estivessem, apenas porque acreditavam nele.⁴⁵ Segundo o próprio Jesus, havia grande interesse por parte dos judeus escribas e fariseus em converter pessoas a sua fé, dispensando grande esforço para tal, pois percorriam longas distâncias para a realização dessa tarefa (Mt 23.15). No ministério terreno de Jesus, apesar do significado totalmente contrastante, o chamado também era à conversão.⁴⁶

Voltando aos sermões proferidos por Cristo, ainda no evangelho de Mateus, além do Sermão do Monte, encontram-se outros quatro discursos de Jesus. O segundo é um discurso missionário e do envio dos discípulos (Mt 9.35 - Mt 10.42). O terceiro são as sete parábolas do Reino dos céus (Mt 13.1-52). O quarto, diversas instruções aos discípulos (Mt 18.1-35). E, em quinto, os “ais” sobre os fariseus e os discursos sobre o fim dos tempos (Mt 23.1 - 25.46).⁴⁷

Com cada um desses discursos, a ênfase do evangelho de Mateus cai no ensino. Ao final de cada sermão (Mt 7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1), aparece a formulação: “E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso...” (ou alguma variação disso dependendo da tradução).⁴⁸ Deve-se atentar para o fato de que em nenhum deles Jesus faz no final algum tipo de chamado público à conversão além do próprio discurso e seu conteúdo, que em si já é um chamado à conversão. Como diz Coleman, “tudo o que Jesus disse ou fez era para ele parte da estratégia divina do evangelismo”.⁴⁹

Contudo, ainda pode-se afirmar que há um chamado mais direto feito por Jesus nos evangelhos. Um exemplo, é quando Jesus diz aos seus futuros apóstolos e a algumas outras pessoas: “segue-me”. Entretanto, essa ordem de Jesus nos dias de sua peregrinação terrena não era uma exigência de identificação exterior com Ele da parte daqueles que queriam ser seus discípulos.⁵⁰ É muito claro nas narrativas dos evangelhos que tais expressões como “segue-me” e “vinde a mim”, apesar de às vezes, poderem incluir o aspecto local, como a descida de Zaqueu da árvore (Lc 19.1-10), têm como sentido fundamental das palavras uma identificação espiritual com Cristo através do arrependimento e fé. Isso mesmo nos dias de Jesus fisicamente na Terra, isto é, de sua presença visível. Já em dias em que isso não ocorre mais, não poderia haver outro sentido.⁵¹

Já em outra ocasião em que aparece um “segue-me”, o que ocorre é uma demonstração de que a

⁴³ SCHWEITZER, 2003, p. 285.

⁴⁴ SCHWEITZER, 2003, p. 25.

⁴⁵ LUTZER, Erwin E. **Cristo entre outros deuses**: uma defesa da fé cristã numa era de tolerância. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 99.

⁴⁶ HENDRIKSEN, 2003, p. 412.

⁴⁷ MAUERHOFER, E. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 99.

⁴⁸ MAUERHOFER, 2010, p. 100.

⁴⁹ COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelismo**: guia de estudo. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 7.

⁵⁰ MURRAY, Ian. **O sistema de apelo**. Tradução de Eurico Alberto Araújo Correia. São Paulo: PES, 1995, p. 13.

⁵¹ MURRAY, 1995, p. 13.

pedagogia do discipulado de Jesus, exige dos seus ouvintes, que assumam as implicações daquilo que lhes falta: “E, quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Lc 18.22).⁵² Seus ensinamentos caracterizaram-se por uma série de valores e um estilo de vida absolutamente contrário aos pensamentos e hábitos humanos. Enfatizava em suas ministrações o perdão, a fidelidade, a humildade, a mansidão, a atitude de se dar de si mesmo, a disposição de aprender e como já mencionado, o arrependimento. Dirigiu vários ataques aos religiosos por serem hipócritas, cumpridores de ritos, mas interiormente maus, sempre julgando os outros como inimigos da verdadeira espiritualidade.⁵³

Quando Jesus envia os doze a pregarem e anunciam os boas novas do Reino, Ele deu diversas instruções práticas e demonstra que o ministério dos discípulos deve ser o mesmo do seu mestre. Com a sua autoridade (Mt 10.1), eles deviam realizar a mesma obra de pregar e curar abertamente, porém, poderiam correr perigos extremos de sofrimento e da própria vida. Nesse sentido, Ele diz que quem o confessar diante dos homens, Ele o confessará diante do Pai (Mt 10.32). Trata-se de uma referência aos crentes que estão sendo julgados, confessando a Cristo com o perigo de suas próprias vidas ou negando-o para escapar dos castigos. Dessa maneira, o texto não está se referindo a uma confissão de até então não convertidos para se tornarem cristãos, mas sim a declaração de fé de um cristão quando em prisão ou julgamento.⁵⁴

Um discípulo deve confessar o Senhor Jesus diante das pessoas, do mesmo modo que diante das dificuldades, perseguições e perigos. O que um discípulo diz sobre Jesus terá uma consequência última. Lucas compara o fracasso em testemunhar de Jesus diante das autoridades (Lc 12.8-12) como uma blasfêmia contra o Espírito Santo.⁵⁵

3. DISCURSOS COMO INSTRUMENTO DE CHAMADO À CONVERSÃO

Outro convite direto da parte de Jesus aos seus ouvintes, e que já foi mencionado anteriormente, é o que aparece em Mateus 11.28-30. Diferente de qualquer outro, o convite é para que se aprenda do próprio Cristo, não um conjunto de regras, mas um modo de agir e de se comportar. Jesus não é um teórico só de palavras, é um prático que ensina fazendo.⁵⁶

Ainda em relação aos sermões ou discursos de Jesus, um outro evangelho que contém um bom material a respeito é o de João. Conforme Albrecht, “muito mais que os outros evangelistas, João ressalta os discursos de Cristo”.⁵⁷ No conteúdo e subdivisão desse Evangelho, alguns sustentam que João tem um esquema de sete sinais ou milagres, culminando na ressurreição de Lázaro.⁵⁸ Além desses milagres, João também apresenta quatro discursos de Jesus conforme a seguinte divisão: sobre sua atuação, autoridade para ressuscitar mortos e ser o Filho de Deus (Jo 5.19-47); sobre o pão da vida (Jo 6.22-59); sobre sua paixão (Jo 12.20-36); e o discurso de despedida (Jo 14.1-16.33).⁵⁹

Diante disso, uma breve revista desses discursos para uma apuração mais concreta sobre a pregação de Jesus e o chamado público à conversão, feito por ele, é significativa. Com relação ao primeiro discurso (Jo 5.19-47), Carson escreve que “a intimidade do relacionamento entre o Pai e o Filho foi declarada com bastante detalhe”.⁶⁰ Nesse capítulo, o primeiro ponto de controvérsia é o sábado (5.9ss.), porém, tal questão

⁵² BRAGA JUNIOR, 2017, p. 12.

⁵³ GIRARD, Robert C.; RICHARDS, Larry. *Guia fácil para entender a vida de Jesus*. Traduzido por Valéria Lamin Delgado. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2013, p. 12.

⁵⁴ ALLEN, 1986, p. 174, 178.

⁵⁵ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Edit.). *Comentário bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 78.

⁵⁶ GUSSO, Antônio Renato. *Sermões expositivos em todos os livros da Bíblia: Novo Testamento*. Curitiba: ADSantos, 2010, p. 4.

⁵⁷ ALBRECHT, 1980, *apud* MAUERHOFER, 2010, p. 233.

⁵⁸ CARSON, 2007, p. 176.

⁵⁹ MAUERHOFER, 2010, p. 231-232.

⁶⁰ CARSON, 2007, p. 471.

é logo substituída pela questão cristológica que deriva da disputa sobre o sábado (5.16-18). É isso que leva a um longo discurso sobre a relação de Jesus com o Pai e as Escrituras, que por sua vez dão testemunho dele (5.19-47). Jesus revela-se progressivamente como o obediente Filho de Deus.⁶¹

Nesse discurso, Jesus estabelece sua posição em relação ao Pai. Aqueles que o atacam estão atacando o próprio Pai, ele julga como o Pai julga. Haverá um dia em que Ele julgará cada indivíduo e o destinará a vida eterna ou a condenação. Esse fato é um testemunho aos judeus. A reação apropriada às palavras de Cristo é a fé que honra o Filho, assim como honra ao Pai. Isso tudo implica numa só coisa: que os ouvintes deveriam aceitar pela fé o Filho de Deus.⁶² Mas como assim “aceitá-lo”? Ora, Hendriksen ainda esclarece que “seguir a luz, que é Cristo, implica confiar nele e obedecê-lo”.⁶³

O segundo discurso citado anteriormente sobre o pão da vida (Jo 6.22-59), é de grande discussão entre os intérpretes. Alguns o interpretam em termos fundamentalmente sacramentais, especialmente os versos 52-59. Outros dizem que a linguagem é metafórica e sua teologia anti-sacramental. Por último, dizem que o discurso é primariamente metafórico e cristológico, mas também sacramental e eucarístico, movendo-se de um para outro à medida que o capítulo avança.⁶⁴ O fato é que ele declarou nesse discurso que é o verdadeiro dom do Pai, enquanto o maná era apenas uma sombra (Jo 6.58). Ele tinha em mente a necessidade de aceitação, assimilação e apropriação espirituais.⁶⁵

No discurso sobre sua paixão (Jo 12.20-36), Jesus entra no assunto quando os gregos lhe procuram pedindo para vê-lo. Ele entende o pedido como indicação de que sua “hora” havia chegado. Está presente a glorificação em relação a sua morte e vindicação, por meio da imagem da semente morta que é lançada, mas que depois brota dando muito fruto. Quando lhe perguntam quem é de fato o Filho do Homem, ele não responde diretamente, mas figurativamente se compara à luz, e chama a multidão a abraçar a luz e a andar na direção que ela ilumina.⁶⁶ Por fim, o discurso de despedida é apresentado por João em que mostra Jesus proclamando palavras de conforto (cap. 14), de admoestação (cap. 15), de profecia (cap. 16), enquanto o capítulo 17 contém a oração sacerdotal, famosa pela sua simplicidade.⁶⁷

O chamado público à conversão feito por Jesus concretiza-se em sua missão, na sua vida cotidiana, operando curas, realizando milagres, pois é na verdade um apelo à fé. Nessa perspectiva, toda a vida de Jesus em seu ministério, principalmente as curas e os milagres, tinham como intenção levar os seres humanos a terem fé em Deus. O sentido de toda a sua atuação é ser aquele que vem trazer a ajuda de Deus e transmite salvação, pois é somente através da fé que o Reino de Deus se comunica com os homens.⁶⁸

O método que Jesus utiliza para conquistar o mundo é o mesmo utilizado pelo próprio Deus Pai para ganhar as pessoas por meio de Cristo, isto é, o amor que se doa por inteiro em favor do outro. Trata-se de uma abnegação dos próprios direitos para priorizar a causa alheia, é o amor que é autodoação.⁶⁹ É nesse sentido que João relatou em seu evangelho palavras de Jesus como: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.12-13). O Messias que está explícito nos evangelhos não é um pregador que se utiliza de apelos padronizados e direcionados, tendo o intuito de levar as pessoas a alguma espécie de atitude imediata que comprovasse sua conversão ou arrependimento. Sua didática consistia em saber aproveitar cada ocasião que se apresentava diante do seu cotidiano.

⁶¹ CARSON, 2007, p. 241.

⁶² HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: João**. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 270-271.

⁶³ HENDRIKSEN, 2004, p. 376.

⁶⁴ CARSON, 2007, p. 278-280.

⁶⁵ HENDRIKSEN, 2004, p. 326.

⁶⁶ BOCK, 2006, p. 455.

⁶⁷ HENDRIKSEN, 2004, p. 646-647.

⁶⁸ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 189.

⁶⁹ KINLAW, Dennis F. **Pregação no Espírito**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1988, p. 139.

Portanto, o chamado público à conversão na pregação de Jesus é um apelo ao arrependimento e à fé: “E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do Reino de Deus e dizendo: ‘o tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho’” (Mc 1.14-15). Arrepender-se dos pecados e tomar uma decisão favorável ao evangelho, ou seja, a de viver em novidade de vida, longe do pecado e mais próximo do amor de Deus. Pois como escreve MacLeod,⁷⁰ Jesus “anunciou que o dia da decisão havia chegado, e conclama-nos ao arrependimento e ao amor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus foi o Príncipe dos Pregadores, o grande Mestre e principal Discipulador, o nosso modelo. Por meio de sua pregação, discursos e ensinos, podemos verificar que Ele apresentava um apelo, um chamado público à conversão, caracterizado principalmente pela ênfase prática na mudança de vida, de pensamento, de atitudes e de comportamento. Jesus chamava as pessoas a uma transformação na maneira de viver, de forma a agradar a Deus.

O “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mt 4.17) é parte de um ensino que valoriza o reconhecimento de que somos pecadores e estamos em rebelião contra Deus como algo essencial e necessário para uma conversão genuína. Somente após esse reconhecimento é que as pessoas podem experimentar a primeira parte do chamado, ou seja, o arrependimento. Da mesma forma, João Batista, como precursor de Jesus, direcionava sua mensagem ao público que o ouvia. Igualmente, João enfatizava a conversão na prática, exortando o povo a dar “frutos que mostrem o arrependimento” (Lc 3.8-14). Essa mesma abordagem é apresentada por Jesus em seus sermões (Mt 7.24-27), ao chamar a atenção das pessoas para que praticassem o seu ensino, e não apenas ouvissem suas palavras e as aprovassem.

O objetivo de Jesus era alcançar os corações e transformar as pessoas em servas de Deus. Esse era o propósito de suas mensagens, sermões e parábolas. Sua pregação e seu ensino impactavam multidões, pois, ao contrário dos rabinos judeus, Jesus não precisava citar o ensino de outros mestres. Ele falava com autoridade própria, utilizando expressões como “Eu, porém, vos digo”. Apesar de usar métodos já conhecidos, como as parábolas, Ele lhes conferia uma singularidade marcante, adaptando-as e aproveitando as ocasiões oportunas para o chamado à conversão. Não havia um padrão fixo em seu método de ensino, mas cada ensino apontava para o mesmo padrão: o padrão de Deus, de uma vida e comportamento que agradassem ao Pai.

Em seus discursos, também se percebe uma didática contundente, recheada de ensinamentos e revelações. Ele discorre sobre o Pai e o Filho e a comunhão entre ambos (Jo 5.19-47). Declara ser o verdadeiro dom do Pai, enquanto o maná era apenas uma sombra (Jo 6.58), o que remete a uma tipologia. Ensina sobre sua paixão (Jo 12.20-36), proclama palavras de conforto (Jo 14), de admoestação (Jo 15), de profecia (Jo 16), e ainda ora por seus discípulos (Jo 17).

Portanto, o chamado público à conversão feito por Jesus é, na verdade, um apelo ao arrependimento de uma vida de pecados e afastada da vontade de Deus, e, ao mesmo tempo, um convite à fé nesse Deus que nos capacita a viver, agora, próximos d’Ele e em obediência à Sua vontade. Tal chamado e sua aceitação se concretizam na vida cotidiana: na forma de tratar as pessoas, de se comportar, de agir, reagir, falar, responder e até de pensar.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, L. **Das Neue Testament in die Sprache der Gegenwart übersetzt und kurz erläutert.** 12.ed. Giesen; Basel: Brunnen, 1980.

ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman:** artigos gerais Mateus – Marcos. 3.ed. Tradução de Adiel

⁷⁰ MACLEOD, 2007, p. 253.

Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. v. 8.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Edit.). **Comentário bíblico Pentecostal** – Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ASETT (Org.) **Pelos muitos caminhos de Deus**: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003.

BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd, 2006.

BRAGA JUNIOR, Adiel Fernandes. Pedagogia do outro: um instrumento de Jesus para despertar o seu discípulo. **Reveleteo**: Revista Eletrônica Espaço Teológico, [S.l.], v.11, n.19, p. 05-15, jan/jun, 2017.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado** – Versículo por versículo. São Paulo: Candeia, [s.d.], v. 1.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelism**: guia de estudo. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus**: ensinar e aprender. Curitiba: AD Santos, 2016.

DOWNING, William R. **Porque não usamos o sistema de apelos**. Tradução de Willian Teixeira. [S.l.]: OEstandarteDeCristo.com, 2015, p. 12. Disponível em: <https://oestandartedecristo.com/data/PorQueNceoUsamosSistemasdeApeloWilliamR.Downing.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por que?** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006.

FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo de Souza. 2.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

GIRARD, Robert C.; RICHARDS, Larry. **Guia fácil para entender a vida de Jesus**. Traduzido por Valéria Lamin Delgado. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2013.

GUSSO, Antônio Renato. **Sermões expositivos em todos os livros da Bíblia**: Novo Testamento. Curitiba: AD Santos, 2010.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: João. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: Lucas. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. v. 1.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Novo Testamento**: Mateus a João. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

KINLAW, Dennis F. **Pregação no Espírito**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1988.

LUTZER, Erwin E. **Cristo entre outros deuses**: uma defesa da fé cristã numa era de tolerância. Tradução de Luís

Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

MACARTHUR, John. **O Evangelho segundo Jesus**. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2008.

MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. Tradução de Valdeci da Silva Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MAUERHOFER, E. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

MURRAY, Ian. **O sistema de apelo**. Tradução de Eurico Alberto Araújo Correia. São Paulo: PES, 1995.

PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? Tradução de Gabriele Geggelsen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Junior. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus**: o mestre por excelência. 9.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos**: à luz do Novo Testamento Grego. Traduzido por Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus**: a história de um vivente. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**: um estudo crítico de seu progresso. Tradução de Wolfgang Fischer, Sérgio Paulo de Oliveira e Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2003.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

TOMÉ, Natan (Ed.). **Comentário do Novo Testamento**: aplicação pessoal. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v.1.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional